AVINA ST. GRAVES

A PELE DE UM PECADOR

TRADUÇÃO
Carolina Ferreira Mendes
e Cláudia Aurélio

FICÇÃO · ROMANCE

Aviso de conteúdo

Perseguição, relações sexuais com consentimento duvidoso e/ou resistência simulada, fetiche por comportamento primitivo, fetiche por pessoas adormecidas, degradação leve, orgasmo forçado, práticas sexuais com sangue, fetiche por ejaculação interna e sexo desprotegido, sequestro, assassínio, conteúdo explícito de extrema violência, tortura, administração de drogas sem consentimento, toques sexuais não consentidos, agressão sexual verbal, depressão, ansiedade, consumo de medicamentos prescritos, doença mental, distúrbio alimentar, mutilação genital (masculina), drogas, linguagem grosseira, distúrbio de fala, pobreza, pobreza infantil, abuso infantil (psicológico, físico e sexual).

Possíveis pontos de interesse (para alguns leitores):

Elogios e validação sexual, apelidos carinhosos, máscaras, algum comportamento de subserviência e uma personagem principal masculina do mais obcecado, possessivo e intenso que há.

Nota da autora

Será o interesse amoroso deste livro problemático, obsessivo e um retrato de toxicidade ambulante que devia estar atrás das grades? Sim.

Perseguir-te-ia pela floresta para te foder até ficares de rastos, enquanto te diria para aguentares como uma linda menina? Sim, claro.

Roubar-te-ia as cuecas? Observar-te-ia enquanto dormes? Gravaria o teu nome no peito? Mataria por ti e, depois, tratar-te-ia como uma princesa? Acho que não é preciso responder.

Mas sabes que mais? Nós adoramos romantizar o que nos devia fazer fugir.

Num registo mais sério: este livro é uma obra de ficção e não implica que eu aprove as ações das personagens.

Com analepses e um final feliz garantido, A Pele de Um Pecador *é um* dark romance *que não tem ligação a outros livros nem finais em aberto.*

Boa leitura!

Beijinho,

Avina St. Graves

Lista de reprodução

«Slow Down» – Chase Atlantic
«Reflections» – The Neighborhood
«King for a Day» – Pierce the Veil
«Bulls in the Bronx» – Pierce the Veil
«My Medicine» – The Pretty Reckless
«Make Me Wanna Die» – The Pretty Reckless
«De Selby (Part 2)» – Hozier
«Closer» – Nine Inch Nails
«Kicks» – Barns Courtney
«Yayo» – Lana Del Rey
«Prisoner» – The Weeknd, Lana Del Rey
«Fireworks» – First Aid Kit
«Teenagers» – My Chemical Romance
«Mr. Brightside» – The Killers
«My Strange Addiction» – Billie Eilish
«Everybody Talks» – Neon Trees
«Lonely Boy» – The Black Key
«Don't Speak» – No Doubt
«Stolen Dance» – Milky Chance
«Blood In The Cut» – K.Flay
«The Less I Know The Better» – Tame Impala
«Elephant» – Tame Impala
«Cinnamon Girl» – Lana Del Rey
«Smells Like Teen Spirit» – Nirvana

Amo e odeio. Se me perguntam porquê, não sei responder;
mas é o que sinto e isso tortura-me.
– Catulo

Para todas as autoproclamadas lindas meninas que só querem ser perseguidas na floresta e possuídas por um mascarado.

Capítulo 1

ISABELLA

– Desculpa, Princesa. Não te queria acordar.

É *ele*.

Está aqui.

Voltou.

Não, não, não, isto está mal. Está tudo mal.

Deixou-me sem sequer se despedir. Prometeu-me que ficaríamos juntos para sempre e, depois, *foi-se embora*. O que estará aqui a fazer? O que o terá feito vir cá? O que…

Sinto a bílis a subir-me pela garganta ao ver os salpicos carmim escorrer pela parede, a mesma cor venenosa que se acumula no chão de madeira e lhe macula a pele. Apesar de não ser a primeira vez que o vejo tingido de vermelho, nem que inspiro o aroma metálico e perigoso que paira no ar, nunca foi desta maneira. Nunca me deparei com gotas a mosquear-lhe o rosto em volta do seu olhar de aço e a pingar-lhe do cabelo escuro.

O líquido que lhe ensopa a camisola e cobre as luvas pretas, tornando-as reluzentes, cria um contraste assustador com a faca ensanguentada que traz numa mão. Na outra, tem uma máscara cujas duas cruzes vermelhas e brilhantes que substituem os olhos me observam com atenção. A boca cosida cria um sorriso provocador que parece desafiar-me a emitir um som que seja.

Quem me dera ter ignorado os berros aterrorizados e ficado no quarto em vez de vir cá abaixo.

Embora me sinta a sufocar com um grito preso na garganta, não consigo desviar o olhar nem dos dedos mutilados sobre a mesa de jantar nem da mistela rósea que escorre pelo rosto do Greg e tinge a fita adesiva que lhe tapa a boca.

Nem sequer das marcas que lhe desfiguram o corpo.

Tem os braços e as pernas cobertos por longas linhas vermelhas furiosas em cruz com cerca de cinco centímetros de largura, algumas são feridas abertas. Reconhecê-las-ia em qualquer lugar e sei o quanto cada uma delas deverá ter doído.

Foram feitas com um cinto, o cinto favorito *do Greg*.

O mesmo que, enrolado na garganta, lhe pintou o semblante de um roxo mortal.

Isto é obra *dele*.

Do Roman.

O Greg era um canalha, mas ainda que a morte não lhe fosse imerecida, *isto* é ir longe demais. O homem que me deu abrigo nos últimos quatro anos é, ou melhor, era um alcoólico funcional sem qualquer pudor em atormentar a criança que acolheu ou em permitir que o filho, o Marcus, participasse nos maus-tratos.

Devagar, *muito devagar*, o Roman enfia a faca na bainha que traz na coxa e pousa a máscara na mesa, como se eu fosse um animal assustado, prestes a fugir a qualquer movimento repentino.

– Volta lá para cima. Vou buscar-te quando acabar.

O grave timbre da sua voz reverbera em cada recanto do meu ser, exigindo a minha atenção. Enquanto recuo aos tropeções, tapo a boca com a mão para tentar reprimir um choro soluçado.

Ele está aqui.

Está mesmo *aqui*.

Não estou num sonho alucinado. Reúno todas as minhas forças para não vomitar. O Roman arrancou-me o coração e lançou-me aos lobos, deixando-os fazer um banquete comigo. Nunca devia ter voltado.

Passados vinte anos, tinha finalmente provado a mim mesma que era capaz de viver sem ele. Quando me abandonou, percebi que ele era apenas uma alma torturada com quem cresci.

Faz hoje exatamente três anos desde que ele me fez sentir que eu não era ninguém, e o que dói mais é saber que, para mim, ele não era uma pessoa qualquer; ele era tudo. A razão por detrás de cada sorriso que me elevava os lábios, de cada gargalhada que me sacudia o peito, de cada sonho que não acabava em lágrimas.

Quando comparado com ele, tudo o resto perdia o sentido.

Contudo, para ele, *eu* não era nada.

O Roman desvia-se, tentando bloquear-me a visão, mas é tarde de mais porque o que fez com o Greg… e com o Marcus ficará para sempre comigo. *Oh, céus*.

Nunca esquecerei a imagem do meu irmão adotivo nu, pendurado do teto pelos pulsos. *Foi o Roman quem fez isto*. Violentas manchas azuis e roxas afloram em cada centímetro da sua pele pálida, tão escuras que o vermelho que lhe escorre do pénis (ou, pelo menos, do sítio onde o apêndice *devia* estar) se mistura com as abrasões.

Tenho plena noção da existência desse apêndice, pois, apesar de não querer, tive-o pressionado contra mim várias vezes. Não consigo sentir pena, apenas repulsa; que dirá isso de mim?

Dou um passo atrás. Depois, outro.

Um soluço de choro escapa-se-me dos lábios e, de repente, o Roman está a agarrar-me para me impedir de continuar a recuar. Acaricia-me o rosto com as pontas dos dedos e enxuga com cuidado as lágrimas que derramei por sua causa, substituindo-as pelo sangue que lhe mancha as luvas. Tento empurrá-lo e bater-lhe nas mãos para que me larguem, mas tocar-lhe só torna as coisas piores.

– Não, não, sossega. Está tudo bem. Não chores, pode ser? Estou aqui contigo.

A sua voz grave é prova viva dos anos que passaram.

Mesmo com a manga da minha camisola a separar as nossas peles, o seu toque inflama-me. Todavia, não consigo olhar para ele; sou incapaz de encarar o rapaz que me fez sofrer mais do que ninguém. Lágrimas quentes queimam-me as faces, acumulando-se nos cantos dos lábios.

Ofegante, tento respirar, mas o cheiro a *bourbon*, sangue, sândalo e canela que paira no ar toma-me os sentidos. Mesmo coberto de sangue, o Roman cheira melhor do que a camisola dele que ainda tenho escondida ao lado da cama.

Está mais alto e tem um aspeto mais intimidante, com a musculatura definida a cobrir-lhe o corpo e os músculos dos braços a contraírem-se quando me puxa para mais perto. Por muito que o tente impedir, continua a ser demasiado forte. Continua a ser tudo para mim. Odeio-o.

Pressiona os lábios quentes contra a minha testa enquanto um grito me rasga a garganta. A memória da última vez que os senti é tão profunda que não é apenas uma recordação; faz parte de quem sou.

– Não me toques – imploro, tentando afastá-lo.

Porém, ele não se move nem um centímetro e abraça-me com mais força, como se estivesse preocupado que fosse eu a desaparecer. Receio que, se ele me continuar a tocar, eu possa esquecer a dimensão das feridas que me causou.

– Sempre tiveste o sono pesado – brinca com um risinho, como se dissesse uma piada que só nós entendemos.

Sem parar de me acariciar a face com a mão enluvada, pressiona a testa contra a minha. Pode tocar-me com carinho e ternura, e pode parecer que sou realmente importante para ele, mas já o conheço… e *não me posso* esquecer disso. Se ele partir outra vez, não vou sobreviver.

Levanto a cabeça para o encarar e vejo os seus lábios a esticarem-se num sorriso sinistro. Lançando um olhar para o Marcus e o seu *membro* amputado, o Roman saca da faca e, tocando com o cabo ao de leve nas costas da minha mão trémula, pergunta:

– Queres fazer as honras, Princesa?

A fita adesiva que cobre a boca do Marcus abafa-lhe os gritos, mas o som tira-me do transe e, desta vez, quando me afasto do Roman, ele deixa.

Quem me dera ser capaz de magoar o Marcus como o Roman não tem problema em fazer; não apenas para me vingar de tudo o que o meu irmão adotivo me fez, mas para provar a mim mesma que sou autossuficiente em todos os sentidos.

Limpo as lágrimas com as costas da mão, espalhando os coágulos que o Roman me deixou na bochecha. O meu outro irmão adotivo, o Jeremy, está numa colónia de férias em segurança e a minha mãe adotiva…

– Onde… onde está a Millie? – pergunto.

Embora tenha testemunhado os abusos que sofri sem nunca intervir, ela também é uma vítima e não merece ser torturada. O Roman meneia a cabeça com o sobrolho franzido, encarando-me como se estivesse com esperança de que eu fosse dizer outra coisa.

– Ela está bem.

– O que quer isso dizer? – insisto, dando um passo atrás quando o vejo a aproximar-se de mim com o sobrolho ainda mais carregado.

Viro-me e, ao estudar o que me rodeia, forço-me a segurar o pouco que comi ao jantar para que não me suba pela garganta. Já o vi a reduzir pessoas a trapos com as próprias mãos e a partir ossos com o seu taco de beisebol, mas *isto*?

Conseguiu. Desta vez, foi longe de mais.

Há sangue *por todo o lado*. Carne dilacerada, pedaços arrancados e extremidades amputadas. Não se trata apenas de homicídio, mas da definição de um banho de sangue.

– O que é que fizeste? – pergunto com a voz trémula ao bater com o joelho numa prateleira.

A divisão começa a andar à roda e não consigo respirar. O Roman põe-se à minha frente, o que só piora a tontura. Sou incapaz de o encarar; tenho de voltar a fingir que ele não existe.

– O que é que fizeste, Roman? – A tremer, tento acalmar a ardência que me assalta os pulmões, mas o fósforo já foi aceso e nada impedirá que o fogo tome proporções avassaladoras. – O que… o que é isto? O que é que estás… Não consigo. *Não consigo*.

Caio de joelhos e recuo de gatas, acabando por me engasgar com uma golfada de ar e vomitando no chão. Ele levanta-me pelos braços e encosta-me ao seu peito enquanto continuo com o estômago, agora vazio, em convulsões.

– Respira fundo, Bella. Não olhes. Concentra-te em mim.

O seu toque é tão caloroso e reconfortante como um regresso a casa, mas está tudo *mal*. Desesperada por fugir, debato-me nos seus braços. Não consigo fazer isto, não depois de toda a dor que me causou, de tudo o que aconteceu. Ele era a única coisa que se interpunha entre mim e os demónios à espreita.

Demónios como o Marcus.

O Roman abandonou-me à minha própria sorte e quase morri.

Em tempos, estive disposta a dar-lhe o meu coração estilhaçado porque acreditava que ele amava cada um dos cacos que me compõem quando me dizia que eu era perfeita.

Contudo, o Roman Riviera mente.

Todas as famílias com que estive antes desta se quiseram livrar de mim. A minha mãe já cá não está, não era suficientemente boa para o meu pai e, *meu Deus*, mesmo assim, convenci-me de que podia ser suficiente para o Roman.

– Não – arquejo. – *Não! Não me toques.*

Nada o persuade a soltar-me e, lembrando-me de como a sua partida me despedaçou, continuo prisioneira do seu abraço.

– És louco. És completamente *louco*.

– «Artista» parece-me um termo mais adequado – brinca.

A sério que está a fazer *piadas* num momento como este?

– Foda-se, qual é o teu problema? Porque é que estás aqui? Foste-te embora e não devias ter voltado.

Estava a melhorar; cada dia estava a tornar-se um bocadinho mais fácil. Comecei a ter esperança, ainda que fraca, de que um dia sairia desta cidade e me purificaria das marcas que deixou em mim de uma vez por todas.

Cuidar do Jeremy, o meu irmãozinho adotivo, deu-me propósito. Não era nada de especial, mas eu sabia que pequenas vozes podiam fazer uma diferença enorme. O que vinha a seguir não importava, desde que o Jeremy fosse dormir sem medo do que o esperaria quando acordasse.

O maxilar do Roman fica tenso.

– Volta para a cama. Achei que ia conseguir dar conta disto sem te incomodar.

Sem me incomodar.

Então, regressou só para me deixar outra vez? Será que não passei apenas de um meio para ele satisfazer os seus desejos doentios?

Voltar para a cama.

Sem me incomodar.

As palavras ecoam dentro da minha cabeça, enchendo-a até não aguentar mais. Fui idiota ao ponto de achar que era possível ele ter voltado por mim, que talvez fosse ficar. Devia ter percebido logo: ele sempre teve alguma coisa contra o Marcus e regressou para resolver pontas soltas. Porque é que não estarei surpreendida?

Empurro-lhe o peito com força e, embora isso não seja suficiente para me soltar, apanho-o desprevenido, dando-lhe um estalo.

– Vai-te foder, Roman. Odeio-te.

O entusiasmo que lhe brilhava nos olhos esmorece, afugentado pelas minhas palavras. Ele sabe *perfeitamente* o quanto me custa dizer o seu nome.

– Não estás a falar a sério…

– *Vai-te embora* – sibilo e acabo por o encarar, contemplando-lhe as feições belas e selvagens.

Porque não revida? Porque não reage aos meus golpes, quando é óbvio que não quer saber de mim?

Os gritos abafados do Marcus incitam-me, recordando-me de todas as vezes em que fui silenciada e em que tive de, simplesmente, aceitar e *lidar* com o que me impunham. Agora, quero deitar tudo cá para fora. Quero pegar fogo a este sítio.

O meu maior desejo é que o Marcus se foda. Também o odeio e, por mim, pode morrer juntamente com aquele porco do pai dele.

Será que o Roman achou que podia aparecer aqui passados três anos, torturar e massacrar a minha família adotiva enquanto eu dormia no andar de cima e depois *ir-se embora*? Outra vez?

Através do olhar marejado, distingo apenas o contorno bem definido do seu maxilar e as covinhas, mas até isso é demasiado para mim.

– Não te quero aqui – *minto.* – És um monstro.

– Sou eu – argumenta, segurando-me o rosto manchado de lágrimas e puxando-me para mais perto. – O teu Mickey.

Dou um pontapé, tentando acertar-lhe… seja onde for.

– Já não te conheço.

– Bella… Bella, por favor. Sou eu, o Mickey. *Voltei* e vou tirar-te daqui.

O seu toque é avassalador e o aroma do seu perfume toma-me a mente. Quero tanto ceder.

– Tu abandonaste-me!

Já o repeti a mim mesma tantas vezes que pareço um disco riscado, e dizer-lho em voz alta é ainda pior. É como encontrar um tesouro de podridão e morte que devia ter ficado enterrado.

– Eu sei. Desculpa, eu…

– Desculpa – repito.

Quando o choro cessa, vejo-o com total clareza.

Todas as palavras que me borbulham no peito estão desejosas de sair. Relembro cada uma das vezes em que tive de agradecer e sorrir depois de